

TEXTUALIDADE  
E MEMÓRIA  
PERMANÊNCIA, ROTURA,  
CONTROVÉRSIA

EDIÇÃO  
JOHN GREENFIELD  
FRANCISCO TOPA



CITCEM  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

Título: *Textualidade e memória: permanência, rotura, controvérsia*

Edição: John Greenfield, Francisco Topa

Comissão editorial: John Greenfield (U. Porto / Coordenador), Francisco Topa (U. Porto),

Ingrid Kasten (F.U. Berlin), Laura Auteri (U. Palermo), Solange Fiuza Cardoso Yokozawa (U.F. Góias)

Design gráfico: Helena Lobo Design | [www.hldesign.pt](http://www.hldesign.pt)

Paginação: Carlos Gonçalves | [www.carlosgoncalves.net](http://www.carlosgoncalves.net)

Imagem da capa: Fuselog – Gabinete de Design, Lda.

Edição: CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar Cultura, Espaço e Memória

Via Panorâmica, s/n | 4150-564 Porto | [www.citcem.org](http://www.citcem.org) | [citcem@letras.up.pt](mailto:citcem@letras.up.pt)

Depósito legal: 454106/19

ISBN: 978-989-8351-96-8

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8351-96-8/tex>

Porto, dezembro de 2018

Produção: [www.decadadaspalavras.com](http://www.decadadaspalavras.com)

Impressão e acabamento: Clássica, Artes Gráficas. Porto.

Trabalho cofinanciado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do COMPETE 2020 — Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (POCI) e por fundos nacionais através da FCT, no âmbito do projeto POCI-01-0145-FEDER-007460.

# ANTROPOLOGIA LITERÁRIA DE JOSÉ TOLENTINO DE MENDONÇA: PARA UMA POÉTICA DA AMIZADE NA CULTURA PÓS-MODERNA

JOSÉ CÂNDIDO DE OLIVEIRA MARTINS\*

## 1. CONTORNOS DE UMA FILOSOFIA DA AMIZADE

*Assim, para se ser feliz são necessários amigos sérios*  
Aristóteles, *Ética a Nicómaco*

Consabidamente, para muitos observadores o narcisismo contemporâneo questiona e trivializa a essência e o lugar da amizade; e algumas das mais populares redes sociais contemporâneas, construídas e potenciadas a partir das novas tecnologias da comunicação, banalizaram as noções de «amigo» e de «amizade»<sup>1</sup>. Por isso, e muitas outras razões que não é imperioso mencionar agora, não surpreende que, neste contexto, mas recuperando antigas reflexões multisseculares, alguns pensadores de hoje, de quadrantes intelectuais e ideológicos distintos, se tenham debruçado sobre a natureza e o lugar da amizade nestes complexos e apressados tempos pós-modernos.

---

\* Universidade Católica Portuguesa. Artigo desenvolvido no âmbito do PEst-UID/FIL/00683/2013 Projeto Estratégico do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH) financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

<sup>1</sup> Não são necessários estudos sociológicos para concluir o que a evidência quotidiana nos mostra. Isso mesmo é referido por Miguel Esteves Cardoso (CARDOSO, 2001: 108), quando diagnostica o negativo impacto do atual *culto do eu* na sociedade contemporânea: «Os valores dominantes da nossa idade, que, de um modo geral, se contêm na ideia de uma máxima autonomia individual, que tem a sua expressão psicológica no culto do narcisismo [...], têm afectado as expectativas e investimentos que presidem às relações de-um-para-um, do amor, da amizade».

Assim, nesta atmosfera de *modernidade líquida*, tal como a caracterizou o sociólogo polaco Zygmunt Bauman<sup>2</sup>, um dos muitos sintomas reside nas mudanças aceleradas e imprevisíveis, bem como no clima de insegurança geral, com consequências esperadas ao nível das relações interpessoais — laços frágeis e efêmeros, emergência de novos vínculos, ligações e proximidades virtuais, dificuldade de amar o próximo, enfim, inesperadas formas de sociabilidade. Estes «tempos de incerteza», de entretenimento e de «turistização», também mereceram ao filósofo Ives Michaud a designação de «estado gasoso»<sup>3</sup>.

Por outro lado, enfrentando na cidade atual, quotidianamente, o mal-estar e a incerteza, o medo do estrangeiro e do refugiado, o ser humano precisa de estabelecer contactos, estreitar laços ou «vínculos amigáveis», de modo a superar muros e segregações de novas formas de miséria social, solidificando formas de convivência amigável: «Podemos afirmar que as causas do perigo se mudaram para o coração da cidade. Os amigos, os inimigos e, acima de tudo, os estranhos esquivos e misteriosos, que oscilam ameaçadoramente entre os dois extremos, misturam-se e acotovelam-se nas ruas da cidade»<sup>4</sup>.

Como seria de esperar, a interrogação sobre a amizade é tão velha quanto o pensamento humano, pelo que a antiguidade clássica também pensou amadurecida e detidamente a amizade. Apenas a título de exemplo, o Livro VIII da *Ética a Nicómaco* de Aristóteles<sup>5</sup> abre justamente com considerações genéricas sobre a *amizade*, nomeadamente quando afirma que a amizade «é do que mais necessário há para a vida. Pois ninguém há-de querer viver sem amigos, mesmo tendo todos os restantes bens. [...] Assim, tanto na miséria como nas desgraças, pensa-se sempre que os amigos são o nosso único refúgio. [...] Na verdade, com amigos, somos capazes de pensar e agir melhor».

Há alguns anos, o filósofo italiano Giorgio Agamben estabeleceu uma correspondência com o pensador francês Jean-Luc Nancy sobre o tema da amizade. Aliás, ao refletir sobre uma controversa passagem do referido livro de Aristóteles (1170a28 – 1171b)<sup>6</sup>, segundo G. Agamben, o pensamento filosófico é indissociável da ideia de amizade, estando esta na essência daquele, através dos conceitos de *philos* (amigo) e da polissêmica *philia* (amizade). Qual memória cultural fecundante, essa longa tradição repercute-se depois, ao longo dos séculos, em sucessivas meditações ensaístico-filosóficas sobre a

---

<sup>2</sup> BAUMAN, 2004.

<sup>3</sup> Cf. MENDONÇA, 2010a: 72.

<sup>4</sup> BAUMAN, 2006: 59.

<sup>5</sup> ARISTÓTELES, 2009: 197.

<sup>6</sup> Como nos lembra Agamben (AGAMBEN, 2013: 8-9), J. Derrida escolhe como mote de um livro (*Politiques de l'amitié*) precisamente uma frase atribuída a Aristóteles, provavelmente apócrifa — «meus amigos, não há amigos». A passagem tem ecos em outros autores ao longo dos séculos, que a terão ido colher a Diógenes de Laércio (*Vidas, Doutrinas e Sentenças dos Filósofos Ilustres*, V, 21), mas aqui com uma variação bem significativa: «aquele que tem (muitos) amigos não tem nenhum amigo».

amizade — de Aristóteles, Diógenes de Laércio e Cícero até Montaigne, F. Nietzsche ou J. Derrida, em *Politiques de l'amitié*.

Porém, quando hoje ambas parecem ter caído em certo descrédito — a filosofia e a amizade —, cabe perguntar: ainda há filósofos e escritores que abordem tematicamente a amizade? Responde assertivamente G. Agamben: «A amizade e o amor foram sempre renegados pela reflexão filosófica». E logo de seguida: «a amizade é difícil de predicar»<sup>7</sup>. Desde logo, o mesmo Agamben<sup>8</sup>, ao deter-se numa afirmação paradoxal, que atraiu a atenção do referido Jacques Derrida, frase atribuída a Aristóteles — «meus amigos, não há amigos» —, propõe-nos uma cativante deambulação filológica e filosófica sobre o conceito de amizade, concedendo compreensível destaque ao pensamento aristotélico<sup>9</sup>.

Como sintetiza José Tolentino de Mendonça, G. Agamben «conseguiu refazer a história e perceber que o mote enigmático era afinal um clamoroso erro de copista. Em vez de “ó amigos, não existem amigos”, o sentido da lição original seria: “(para aquele que tem muitos) amigos, não existem amigos”. Como a lembrar que a banalização da palavra amigo produz uma incapacidade de compreender (e de viver) amizades verdadeiras»<sup>10</sup>. Infelizmente, embora tendo informado J. Derrida deste relevante esclarecimento filológico, G. Agamben ficou surpreendido quando o mencionado livro do pensador francês (*Politiques de l'amitié*) simplesmente ignorou a referida informação.

Dentro e fora da escrita literária propriamente dita<sup>11</sup>, a obra de José Tolentino de Mendonça configura um dos casos mais exemplares do atual diálogo entre o Cristianismo e Cultura, entre o pensamento filosófico e teológico. Sem proselitismos deslocados, a sua escrita associa particularmente Fé e Literatura, que consabidamente têm tanto em comum, desde logo o uso privilegiado da palavra (reflexiva ou narrativa), até à transmissão de uma sabedoria humana, de facto comum à criação estético-literária e à *lectio divina* das Escrituras<sup>12</sup>.

Os vários géneros cultivados por Tolentino de Mendonça unem-se quer pelas temáticas recorrentes, quer por uma vasta cultura humanista, quer ainda pela qualidade estético-literária da sua linguagem. Com uma escrita que se estende dos estudos bíblico-teológicos até à poesia e ao teatro, passando pelo ensaio, este autor desafia-nos

<sup>7</sup> AGAMBEN, 2013: 25, 29.

<sup>8</sup> AGAMBEN, 2013: 8.

<sup>9</sup> Curiosamente, o breve ensaio de G. Agamben atraiu a atenção do próprio J. Tolentino de Mendonça (MENDONÇA, 2015: 17-18), numa crónica intitulada «Ó amigos, não existem amigos»; e de Pedro Mexia (MEXIA, 2015: 15-18), num texto cronístico com o título de «Ó amigos, não há amigo».

<sup>10</sup> MENDONÇA, 2015: 17.

<sup>11</sup> Sabemos bem como não é fácil estabelecer uma fronteira entre o literário e o não literário, ou mesmo de género quando, perante autores atuais como José Tolentino Mendonça. De facto, nesta nova realidade da porosidade dos géneros, estamos perante uma singular escrita cronística e ensaística, cuja inegável qualidade estética a integra, de pleno direito, no domínio literário.

<sup>12</sup> Cf. MENDONÇA, 2013a: 26.

a pensar hoje algumas das questões mais prementes à condição humana, no espaço da cultura dita pós-moderna<sup>13</sup>.

Consabidamente, esta cultura pós-moderna é marcada, entre outras grandes tendências, pela velocidade e pela fragmentação, pela radical questionação da ideia moderna de progresso, pela crise das grandes narrativas legitimadoras da cultura ocidental (do cristianismo ao marxismo), pela acelerada desumanização, pela relativização ética ou mesmo pelo vazio dos valores. A cultura pós-moderna mostra-se descentrada, atraída por tentadores simulacros, pela sedução de vários hedonismos ou pelo mais radical subjetivismo.

Ora, neste enquadramento ou mundividência que molda a atmosfera cultural em que respiramos, ganham particular acuidade algumas dominantes temáticas da obra de José Tolentino de Mendonça. Desde logo, a preponderância da palavra numa *antropologia literária*<sup>14</sup> que, iluminada pela crença, pensa vários desafios que se colocam ao homem contemporâneo.

Outro traço dominante da sua escrita múltipla reside no constante e denso diálogo intertextual, nomeadamente com outros poetas e intelectuais, crentes e não crentes, portugueses ou estrangeiros<sup>15</sup>. Por isso, o seu leitor não se surpreende quando amiúde se cruzam fecundamente, num entrelaçamento de sentidos, autores tão diversos como São Paulo, os Padres da Igreja ou os poetas místicos (Angelus Silesius, S. João da Cruz ou Sta. Teresa), com homens e mulheres de cultura das mais diversas épocas — num assumido diálogo ecuménico das artes e dos saberes, com destaque para os contemporâneos<sup>16</sup>. É notório que se respira uma vasta cultura teológica e filosófica, que subjaz e emerge na palavra literária de José Tolentino de Mendonça.

Genericamente, da poesia ao ensaio, é uma escrita de natureza meditativa e filosófica, que pensa e interroga, que provoca e gera esperança. Por exemplo, quando medita sobre o papel da *palavra* ou da função da *beleza* na sociedade contemporânea e no «misterioso mundo» em que vivemos<sup>17</sup>; quando evoca a arqueologia de algumas das mais velhas questões que têm afligido existencialmente o ser humano de todas as eras — o sentido da vida, do tempo, da morte, etc.; quando ironiza com alguns ídolos

<sup>13</sup> *Cultura pós-moderna*, tal como caracterizada pelos reconhecidos pensadores Gianni Vattimo (VATTIMO, 1987: 9 ss.; VATTIMO, 1991: 19); ou Jean-François Lyotard ([s.d.]), entre tantos outros.

<sup>14</sup> Emprega-se aqui a noção de *antropologia literária* no sentido que lhe atribuído por A. Blanch (BLANCH, 1995: 11 ss.; BLANCH, 2002), como sinónimo das expressivas imagens e visões que a literatura constrói do ser humano através do tempo.

<sup>15</sup> Tecido intertextual onde não faltam também as reminiscências da memória literária da tradição clássica, seja na convocação de Antígona (cf. MENDONÇA, 1999: 66-67); seja na detida revisitação da figura de Helena (cf. MENDONÇA, 2005a); seja ainda na referência simbólica ao mito de Dafne, na figura do velho Tírsias de Sófocles ou na mesma Helena de Troia (cf. MENDONÇA, 2013b: 15, 52, 59).

<sup>16</sup> De Paul Celan, Pasolini, Marianne Moore, Flannery O'Connor, John Coltrane, Simone Weil, Sophia Andresen, Eugénio de Andrade, João Miguel Fernandes Jorge, João Salavisa, Ilda David, Adília Lopes, entre tantos outros nomes.

<sup>17</sup> Cf. MENDONÇA, 2005a: 23.

atuais e a sua «débil força messiânica»<sup>18</sup>; quando privilegia imagens e metáforas axiais que, na sua obsessiva recorrência, pintam argutamente a condição humana de hoje: *corpo, desejo, casa, deserto, bosque, naufrágio, inquietação, errância, solidão, vazio*, etc.; quando enfim questiona as hierofanias do sagrado no mundo que nos cerca, a par dos sintomas da *nostalgia de absoluto* (G. Steiner); ou ainda quando interroga as derivas do ser humano atual e o silêncio de Deus na paisagem cultural contemporânea.

Pelo que se deixa panoramicamente sugerido, sentimo-nos tentados a concordar com Eugénio de Andrade que, relatando a alegria e surpresa do primeiro encontro com esta escrita e com os «versos soberbos!», salientava elogiosamente essa «espécie de presença rara e ardente» da escrita poética do autor madeirense<sup>19</sup>, que ora se sente cosmopolitadamente atraído por França, Itália ou EUA, ora evoca o velho mercado do Machico.

## 2. PENSAR A AMIZADE HOJE

*E é possível fazer novos amigos, bons amigos,  
que estarão connosco pela vida inteira.*  
Z. Bauman, *Confiança e medo na cidade*

Os olhares literários sobre a amizade são bem mais frequentes do que se pensa. «Eu pretendo dizer da amizade o que Diógenes dizia do dinheiro: que ele o reavia dos seus amigos, e não que o pedia. Pois aquilo que os outros têm pelo sentimento comum não se pede, é património comum. Neste caso, a amizade». Assim escreve Agustina Bessa-Luís<sup>20</sup>, no seu habitual estilo aforismático e irónico. E em *A Cidade e as Serras de Eça de Queirós*<sup>21</sup>, relato assente na amizade sincera e indestrutível entre José Fernandes e Jacinto, fala-se elogiosamente nas «amizades puras e sinceras»<sup>22</sup>.

Creemos que está por fazer uma reflexão abrangente acerca do tema da amizade na longa História da Literatura Portuguesa e a sua presença fecunda ao longo de séculos de criação literária. O seu estudo crítico proporcionaria certamente conclusões curiosas sobre a permanência e sobre as visões acerca da amizade consoante o contexto cultural e sociológico, mas também de acordo com as convenções estético-literárias. E entre

<sup>18</sup> Cf. MENDONÇA, 2005a: 21.

<sup>19</sup> ANDRADE, 2001: 59; 57.

<sup>20</sup> BESSA-LUÍS, 2008: 17.

<sup>21</sup> QUEIRÓS, [s.d.]: 15.

<sup>22</sup> Porém, na disfórica descrição do cenário citadino (Paris), esterilizante e desumanizador, nem a amizade escapa ao pragmatismo interesseiro e falso: «As amizades nunca passam de alianças que o interesse, na hora inquieta da defesa ou na hora sófrega do assalto, ata apressadamente com um cordel apressado, e que estalam ao menor embate da rivalidade ou do orgulho». Ora, é justamente neste ambiente afetivamente desolador da Cidade que mais se sente a falta da verdadeira amizade — «a presença, o conforto e o socorro da Amizade» (QUEIRÓS, [s. d.]: 87 e 97).

outros tópicos, seria muito revelador verificar certas constantes intemporais acerca da amizade, desde as reflexões dos clássicos greco-latinos, como Aristóteles ou de Cícero.

Na impossibilidade de abordarmos a pluralidade e a complexidade das linhas de força da obra literária e ensaística de José Tolentino de Mendonça, selecionamos um aspeto nuclear da sua inspiradora antropologia literária — o modo como desenha e pensa o sentimento e a vivência da amizade, a sua natureza e função antropológica e social. Mas que sentido faz um autor contemporâneo deter-se a falar, poética e sobretudo ensaisticamente, na amizade?

Sendo a palavra *amigo* um termo com uma tão rica arqueologia cultural (desde a herança bíblica e literária, que a fazem equivaler a *namorado* e *amante*); e, ao mesmo tempo, uma palavra tão gasta nos dias, que parecem privilegiar a superficialidade das relações interpessoais (nomeadamente nas redes sociais, onde somamos inumeráveis «amigos»), é oportuna uma reflexão antropto-teológica sobre a amizade? Pode a vivência da amizade dar-nos a confiança, a alegria e a felicidade de que precisamos para viver uma vida plena de sentido? Sem esperar «receitas de auto-ajuda» ou similares, vale a pena conceder atenção a esta amadurecida sabedoria que nos fala, em tom cativante e denso, neste tema intemporal da amizade.

Desde logo, falar da amizade implica a interrogação sobre a que distância deixamos o coração<sup>23</sup>. Num dos primeiros livros de poesia de José Tolentino de Mendonça, *De Igual para Igual*, somos confrontados com um poema justamente intitulado «Os amigos», que, na sua sugestiva densidade, equivale a um texto programático sobre o tema da amizade:

*Esses estranhos que nós amamos  
e nos amam  
olhamos para eles e são sempre  
adolescentes, assustados e sós  
sem nenhum sentido prático  
sem grande noção da ameaça ou da renúncia  
que sobre a luz incide  
descuidados e intensos no seu exagero  
de temporalidade pura*

*Um dia acordamos tristes da sua tristeza  
pois o fortuito significado dos campos  
explica por outras palavras  
aquilo que tornava os olhos incomparáveis*

---

<sup>23</sup> Cf. MENDONÇA, 1999: 41.

*Mas a impressão maior é a alegria  
de uma maneira que nem se consegue  
e por isso ténue, misteriosa:  
talvez seja assim todo o amor*<sup>24</sup>

Para usarmos metáforas do poeta, feita de *braços*, tecida de *olhares* e alicerçada na *alegria*, a amizade ocupa um lugar insubstituível na vida de cada um de nós, como um capital humano e afetivo ímpar. Pensar a amizade como valor ou filosofia de vida na cultura atual pressupõe, entre outras inquirições pertinentes sobre o tema: o conhecimento histórico do tema da amizade; a reflexão sobre a conduta ética das pessoas envolvidas na amizade; a meditação sobre as diversas manifestações do sentimento da amizade.

Tal como o amor, também a amizade tem a sua «ciência»<sup>25</sup>, com conseqüências e ritmos inesperados: «Pensamos que quando chegasse [o amor] as nossas vidas acelerariam/mas nem sempre é assim:/há emoções que nos aceleram/outras que nos abrandam». Na fase inicial da sua obra poética, em *Baldios*, no poema «Coisas tão felizes», Tolentino de Mendonça enuncia a mágica e fraternal compreensão da amizade que une dois seres: «Entre amigo e amigo/jamais se afastam/coisas tão felizes/os instantâneos de certas formas/os protestos inocentes à nossa passagem/a natureza fortuita, dizia eu/imortal, dizias tu/do vento?»<sup>26</sup>. Porque amizade significa a confiança e os murmúrios, sem limites nem receios: «Paga-me um café e conto-te/a minha vida» — assim se inicia um poema, que se encerra com a reescrita do mote inicial: «Pago-te um café se me contares/o teu amor»<sup>27</sup>.

Como se deixa sugerido, para José Tolentino de Mendonça, a amizade precisa e merece ser pensada através da sua *história* e da sua *ontologia*, mas também de uma ética e de uma *gramática*, singulares e intemporais, sendo a sua urgência talvez mais exigida pelos tempos atuais. Essa preocupação indagadora e sistematizadora é especialmente patente no livro *Nenhum Caminho Será Longo (Para uma Teologia da Amizade)*, obra paratextualmente encimada por um provérbio japonês: «Ao lado do teu amigo, nenhum caminho será longo»<sup>28</sup>.

Desde logo, impõe-se dizer a *natureza da amizade*, já que ela se pressupõe uma ciência ou ontologia da amizade. Tal como o amor, também a amizade tem a sua «ciência»<sup>29</sup>, com dimensões e ritmos inesperados: «Pensamos que quando chegasse [o amor] as nossas vidas acelerariam/mas nem sempre é assim:/há emoções que

<sup>24</sup> MENDONÇA, 2001: 21.

<sup>25</sup> Cf. MENDONÇA, 2012: 24.

<sup>26</sup> MENDONÇA, 1999: 25.

<sup>27</sup> MENDONÇA, 1999: 44, 45.

<sup>28</sup> MENDONÇA, 2013a: 5.

<sup>29</sup> Cf. MENDONÇA, 2012: 24.

nos aceleram/outras que nos abrandam». Na fase inicial da sua obra poética, em *Baldios*, no poema «Coisas tão felizes», Tolentino de Mendonça enuncia a mágica e fraternal compreensão da amizade que une dois seres: «Entre amigo e amigo/jamais se afastam/coisas tão felizes/os instantâneos de certas formas/os protestos inocentes à nossa passagem/a natureza fortuita, dizia eu/imortal, dizias tu/do vento?»<sup>30</sup>.

Desde o início, uma das recomendações de Tolentino de Mendonça é a de que se contrarie a banalização da palavra «amor» através da redescoberta e da valorização da experiência vital da amizade — «E se falássemos de amizade em vez de amor»<sup>31</sup>. Não ignorando as significativas diferenças entre *amor* e *amizade*, o ensaísta traça um fundamentado panegírico da amizade como paradigma comportamental adequado quer às relações interpessoais, quer à relação dos crentes com Deus — amizade como sentimento de confiança genuína e de gratuidade com o outro que nos é próximo<sup>32</sup>. Há mesmo um provérbio inglês que ensina: «viver sem amigos é morrer sem testemunhas». Na sequência do que Tolentino de Mendonça pergunta: «É possível descrever a amizade?». Uma coisa é certa — quem a vive sabe que «a amizade reinventa o mundo e a sua alegria!»<sup>33</sup>. Neste sentido, não nos surpreende que os grandes clássicos (filósofos e escritores) enalteçam superlativamente a experiência da amizade. Ao ponto de Aristóteles ter defendido que, dada a sua excelência, não pode ser um bem banalizado: «aquele que tem (muitos) amigos, não tem amigos»<sup>34</sup>. A amizade é assim um privilegiado lugar de encontro. Já em plena Idade Média um pensador cristão exprimiu «o *valor ontológico* da amizade: todos os seres vivos [...] inclinam-se naturalmente [...] para a amizade»<sup>35</sup>.

Um segundo tópico diz respeito à *arqueologia da amizade*, pois este tema e/ou realidade afetiva tem uma riquíssima história, desde a Bíblia e a cultura greco-latina até aos nossos dias. Como sugerido, não por acaso, foi tratada por filósofos diversos, padres da Igreja e escritores ao longo dos séculos. Todos se detiveram a pensar a amizade, sua natureza e funções, as suas diversas formas e lugar ao nível das relações humanas, e até como virtude cívica, como salientado pelo autor da *Ética a Nicómaco*.

Como nos recorda Tolentino de Mendonça, «Para Cícero, para além da sabedoria, nada há superior à amizade, definida como um acordo perfeito de todas as coisas divinas e humanas, acompanhadas de benevolência e afeição»<sup>36</sup>. Ainda do ponto de

<sup>30</sup> MENDONÇA, 1999: 25.

<sup>31</sup> MENDONÇA, 2013a: 11.

<sup>32</sup> Já o P.<sup>o</sup> António Vieira (*Sermões*, XIII, 246), numa das várias reflexões aforismáticas sobre a amizade, escreve sobre o carácter superlativo desta singular forma de afeição: «Em todos os parentes o amor é acidente que se pode mudar; no amigo fiel é essência, e por isso imutável». No Sermão XIV do Rosário, o mesmo orador recordará que, segundo «os filósofos antigos», «a amizade verdadeira amizade» ou o autêntico amigo «é um outro eu» (*amicus est alter ego*).

<sup>33</sup> MENDONÇA, 2010a: 107-108.

<sup>34</sup> MENDONÇA, 2013a: 50.

<sup>35</sup> MENDONÇA, 2013a: 120.

<sup>36</sup> MENDONÇA, 2013a: 43. De facto, para Cícero, em *De Amicitia*, a excelência da amizade é superlativamente conceituada, quando anota, na abertura do Cap. VI sobre a sua definição e excelência, esta aproximação do humano e

vista diacrónico, é impressionante o número de histórias concretas de amizade que foram decisivas para mudar definitivamente alguns rumos da História. Há um belo pensamento de Séneca, em *Cartas a Lucílio*, que diz: «Ter um amigo é ter alguém por quem morrer»<sup>37</sup>.

Ao mesmo tempo, as mais diversas manifestações da amizade constituem o que Tolentino de Mendonça designa como a *gramática da amizade*. De facto, a amizade constrói-se com uma infinidade de gestos e de falas, mas também de atitudes e até de silêncios. O amigo está sempre presente, mesmo quando afastado fisicamente. E tudo isto é visível na forma como os amigos conversam, como se riem, como se abraçam, como até integram o silêncio na sua relação cúmplice: «Com os amigos o silêncio nada tem de embaraçoso»<sup>38</sup>.

Como se vai adivinhando, a amizade tem como grande traço comportamental da sua gramática a gratuidade. Surge e desenvolve-se sem explicação racional e de forma desinteressada: «De facto, a amizade é o dom que não se explica»<sup>39</sup>. Em face do afirmado, a amizade pode constituir «um perfeito milagre» na existência humana<sup>40</sup>. Para o efeito, ela encontra múltiplas formas de se expressar, com sabedoria, abertura e cumplicidade, gerando uma experiência afetiva fundacional do ser humano. A amizade verdadeira não é episódica; é antes um contínuo estruturante e omnipresente — os verdadeiros amigos são-no para sempre e da forma mais natural e gratuita que se pode imaginar<sup>41</sup>.

Segundo a reflexão de José Tolentino de Mendonça, a amizade também não é pensável fora de uma esperada ética. Do afirmado já se infere que a amizade é orientada por alguns princípios ou valores tacitamente aceites, vivenciados nessa relação: a

---

do divino: «a amizade é uma suma harmonia das coisas divinas e humanas, com benevolência e amor» — no original: «Est enim amicitia nihil aliud, nisi omnium diuinarum humanarumque rerum cum benevolentia et caritate concensio» (CÍCERO, 1928: 13, VI-20).

<sup>37</sup> MENDONÇA, 2010a: 107.

<sup>38</sup> MENDONÇA, 2013a: 22.

<sup>39</sup> MENDONÇA, 2013a: 29.

<sup>40</sup> MENDONÇA, 2013a: 31.

<sup>41</sup> Ainda que os amigos possam ser úteis aos seus amigos, o desinteresse e a gratuidade do sentimento da amizade são afirmados desde os pensadores clássicos, como Aristóteles ou Cícero, que em *De Amicitia*, observa: «Parece-me também que aqueles que almejam apenas o interesse na amizade, afastam dela o seu mais doce vínculo. O que nos agrada não é a utilidade oferecida pelo nosso amigo, mas sim o carinho desse amigo; e tudo o que nos for oferecido por ele, nos será agradável, contanto que transpareça a dedicação» — «Atque etiam mihi quidem uidentur, qui utilitatum causa fingunt amicitias, amabilissimum nodum amicitiae tollere. Non enim tam utilitas parta per amicum, quam amici amor ipse delectat, tumque illud fit, quod ab amico est profectum, iucundum, si cum studio este profectum» (CÍCERO, 1928: 29, XIV-50).

A ideia da amizade como sentimento gratuito é repetida até aos nossos dias, por exemplo na escrita cronística de Miguel Esteves Cardoso (CARDOSO, 2001: 110): «Não interessa a quem não é interessado, nem é oportuno a quem não for oportunista, pensar um amigo com o pensamento de quem arrola e afere defeitos e qualidades. O amigo é outro eu e assim como temos os defeitos e qualidades que temos, já depois de nascermos, também o amigo os tem, já depois de ser amigo, muito depois de amigos sermos. O inevitável nunca põe como condição o aceitar». Amizade pressupõe dedicação, sinceridade e desinteresse. Parafraseando um conhecido pensamento místico de Angelus Silesius, poderíamos dizer que a amizade é sem porquê.

fraqueza, a gratuidade, a compreensão dos não-ditos e dos silêncios, a aceitação do outro nos seus limites; mas também a disponibilidade plena, a ausência de domínio sobre o outro e a liberdade.

De facto, a experiência da amizade deve brotar de forma genuína e não interessira, pois a amizade não cobra nada, sendo gratuita e sem porquê. Neste sentido, a amizade pode gerar «o milagre quotidiano» na vida das pessoas, pelo seu enorme poder transfigurador: «Os amigos ajudam-nos a vencer tantas formas de esterilidade: tornam a nossa vida irradiante»<sup>42</sup>.

Como referido, na amizade não vale tudo. A sua vivência pressupõe valores e regras de conduta, a observância de deveres básicos, para se manter essa comunhão gratificante com alguém que é a nossa «alma gémea» (*anima consors*) — assim era tradicionalmente designado o amigo. Ora, como referido inicialmente, nestes «tempos de incerteza» a vários níveis que atravessamos, caracterizados pelo sociólogo Zygmunt Bauman como *sociedade líquida*, acentuando com isso a fragilidade dos atuais laços humanos, um dos caminhos de solução passa pelo investimento em sólidas relações e amizades. A falta dos vínculos de amizade convivial abre curso à nefasta ausência de afeto ou de compaixão (*pietas*), meio caminho andado também para as relações frias e até mesmo fratricidas (*homo homini lupus*).

Por fim, a proposta de Tolentino de Mendonça aborda uma *teologia da amizade*. Aliás, o ensaio antes mencionado — *Nenhum Caminho Será Longo* — possui justamente o subtítulo de «Para uma teologia da amizade». Justamente porque essa é a tese nuclear da obra, podendo ser enunciada deste modo: a amizade humana é passível de ser vista como uma escola para a relação do crente com Deus; ou, de outra perspetiva, a amizade pode constituir um caminho para redescobrir Deus nos outros.

Como nos lembra Tolentino de Mendonça, na Bíblia abundam imagens do campo da afetividade ou da amizade para caracterizar a relação do homem com Deus. Por isso, o autor propõe que «Amizade pode constituir um modelo criativo para o caminho do crente»<sup>43</sup>. E ainda: «O paradigma da amizade, aplicado à nossa relação com Deus, pode resultar num efeito extraordinariamente libertador. A amizade é a aceitação positiva do limite»<sup>44</sup>. Por conseguinte, o convite ou desafio de Tolentino de Mendonça é aqui especialmente direcionado aos crentes: «Pensemos, então, na relação de Deus como uma relação de amizade»<sup>45</sup>.

---

<sup>42</sup> MENDONÇA, 2013a: 32.

<sup>43</sup> MENDONÇA, 2013a: 15.

<sup>44</sup> MENDONÇA, 2013a: 19.

<sup>45</sup> MENDONÇA, 2013a: 24.

### 3. PARA UMA ONTOLOGIA DO AFETO

*os amigos são o nosso único refúgio*  
Aristóteles, *Ética a Nicómaco*

Terminemos esta breve incursão sobre a obra de José Tolentino de Mendonça com algumas brevíssimas reflexões. Em primeiro lugar, sendo o autor um padre católico, não se devia esperar que na sua escrita poética falasse mais de Deus? Como o autor tem insistido em algumas declarações, e se torna óbvio na sua escrita, na sua confessada in-visibility, Deus não deixa de estar presente, mas assume muitas formas e muitos rostos. Como escreveu o referido Eugénio de Andrade, ao abordar este tópico, «Deus está mais nas entrelinhas do que nas linhas do texto. Ou antes: Deus está oculto, e toda a busca espiritual consiste em caminhar na sua direcção: não há outra via»<sup>46</sup>. Parafrazeando o citado e luminoso poeta, podíamos afirmar que a amizade é um dos nomes de Deus. Por outras palavras, esta é uma forma de «dizer Deus na pós-modernidade»<sup>47</sup>.

Um segundo pensamento radica num aspeto central da antropologia literária contemporânea: para que serve a palavra literária? Que desemboca na interrogação sobre o «destino da arte»<sup>48</sup>. Parafrazeando Hölderlin, e à imagem de outros escritores atuais, também Hélia Correia<sup>49</sup> se interroga sobre a função da palavra poética: «Para quê, perguntou ele, para que servem/Os poetas em tempos de indigência?». Ora, ao traçar os contornos mais críticos e agónicos da paisagem cultural de hoje, a escrita de Tolentino de Mendonça não se fica pelo diagnóstico da angústia, antes contrapõe uma vocação filosófica. Mais do que dar respostas, abre janelas iluminadas, apresenta questões existenciais, sugere símbolos grávidos de sentido, desenha caminhos de esperança, com os olhos focados no constante debate entre o enigma do mundo e o silêncio de Deus.

Afinal de contas, numa concisa arte poética, Tolentino de Mendonça assevera a natureza heterodoxa da palavra poética: «o poema devolve o inexprimível. O poema não alcança aquela pureza que fascina o mundo. O poema abraça precisamente aquela impureza que o mundo repudia»<sup>50</sup>. A escrita de Tolentino de Mendonça poderia parafrasear a célebre afirmação do latino Terêncio: «Homo sum; humani nil a me alienum puto» (Sou homem e nada do que é humano me é estranho). E a experiência antropológica

<sup>46</sup> MENDONÇA, 2001: 60.

<sup>47</sup> Cf. DUQUE, 2003.

<sup>48</sup> Cf. MENDONÇA, 1999: 24.

<sup>49</sup> CORREIA, 2012: 7, 15, 23.

<sup>50</sup> MENDONÇA, 2005: 44.

da amizade, profundamente necessária às relações interpessoais e à felicidade do ser humano, gera laços de afeição semelhantes aos do parentesco, como já lembrava Cícero.

Por fim, uma terceira reflexão sobre esta instigante poética da amizade para os tempos pós-modernos e a difícil *travessia* ou *peregrinatio* do ser humano, na *floresta* que nos foi dado viver, como se pode ler no *incipit* da peça teatral *O Estado do Bosque*: «Peter: Qual é o sentido do trilho?/John Wolf: Não sei. Cada trilho conduz a mais do que um sentido»; e em outro passo: «Importa que saibas o que significa estar metido num caminho da floresta»<sup>51</sup>. Além de companhia constante pelos caminhos da floresta — alegoria imemorial da existência —, o amigo desempenha a função de guia e conselheiro seguro, mesmo que se mostre ou nos pareça «cego» pelo afeto. E desde os clássicos, como Cícero, sabemos como na verdadeira amizade, tudo é genuíno, conferindo sentido à existência<sup>52</sup>.

Dito de outro modo, perante a banalização da amizade e dos seus simulacros de hoje, e sobretudo das consequências ao nível das relações interpessoais e sociais em tecidos frágeis e quebrados, todos somos interpelados a reconstruir uma renovada *gramática do humano*, construção primordial e inadiável, numa tarefa em que a família e a escola, a igreja e a sociedade devem desempenhar um papel insubstituível. Com o investimento nessa gramática do humano, repensa-se a ontologia do quotidiano, tão repleta de aparências e de futilidades, numa sociedade dominada pela ditadura da economia e da tecnologia, mas cada vez mais apressada, impessoal e inumana, sobretudo no mal-estar desta *sociedade da decepção*<sup>53</sup> em que vivemos.

Afinal de contas, corporizando uma *ontologia do afeto*, os sentimentos da amizade e do amor distinguem-nos e enobrecem-nos como pessoas, iluminando a nossa existência e elevando-nos na nossa humanidade; ao mesmo tempo que concedem espessura de sentido e signo de transcendência, com se lê em dois passos de *A Estrada Branca*: «Os que te amam sejam como o sol/no cimo do seu esplendor»; e logo adiante: «Através da terra o amor/torna-nos estranhos à terra/liga-nos a uma divina linhagem/com seu tormento inapagável/suas velocidades enormes//O amor vive na ponta dos cabelos»<sup>54</sup>.

## BIBLIOGRAFIA

- AGAMBEN, Giorgio (2013) – *O Amigo*. Mangualde: Pedago.  
 ANDRADE, Eugénio de (2001) — *Posfácio*. In MENDONÇA, José Tolentino – *De Igual para Igual*. Lisboa: Assírio & Alvim.

<sup>51</sup> Cf. MENDONÇA, 2013b: 9, 15.

<sup>52</sup> Com efeito, asseverando que é o amor que concede à amizade o seu nome, o autor de *De Amicitia*, escreve que «na amizade nada é fingido, nada dissimulado, tudo quanto nela há é verdadeiro e tudo provém da vontade» — «Nam utilitates quidem etiam ab eis percipiuntur saepe, qui simulatione amicitiae coluntur, et obseruantur temporis causa» (CÍCERO, 1928: 17, VIII-26).

<sup>53</sup> Cf. LIPOVETZKY, 2012.

<sup>54</sup> MENDONÇA, 2005b: 35, 36.

- ARISTÓTELES (2009) – *Ética a Nicómaco*. Lisboa: Quetzal.
- BLANCH, Antonio (1995) — *El Hombre Imaginario (Una antropología literária)*. Madrid: PPC.
- \_\_\_\_ (2002) — *El Espíritu de la Letra (Acercamiento creyente a la literatura)*. Madrid: PPC.
- BAUMAN, Zygmunt (2004) — *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar.
- \_\_\_\_ (2006) — *Confiança e Medo na Cidade*. Lisboa: Relógio d'Água.
- BESSA-LUÍS, Agustina (2008) — *Dicionário Imperfeito*. Lisboa: Guimarães.
- CARDOSO, Miguel Esteves (2001) — *O amigo*. In *Explicações de Português*. Lisboa: Assírio & Alvim, p. 108-112.
- CÍCERO (1928) — *L'Amitié*. Texte établi et traduit par L. Laurand. Paris: Les Belles Lettres.
- CORREIA, Hélia (2012) — *A Terceira Miséria*. Lisboa: Relógio d'Água.
- DUQUE, João (2003) — *Dizer Deus na Pós-Modernidade*. Lisboa: Univ. Católica Editora.
- LYOTARD, Jean-François [s.d.] — *A Condição Pós-Moderna*. Lisboa: Gradiva.
- LIPOVETZKY, Gilles (2012) — *A Sociedade da Decepção*. Lisboa: Edições 70.
- MENDONÇA, José Tolentino de (1994) — *As Estratégias do Desejo*. Lisboa: Cotovia.
- \_\_\_\_ (1999) — *Baldios 2.<sup>a</sup> ed.*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (2001) — *De Igual para Igual*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (2005a) — *Perdoar Helena*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (2005b) — *A Estrada Branca*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (2010a) — *O Hipopótamo de Deus e outros textos (Cristianismo e Cultura)*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (2010b) — *Baldios*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (2012) — *Estação Central*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (2013a) — *Nenhum Caminho Será Longo (Para uma teologia da amizade)*. 6.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Paulinas.
- \_\_\_\_ (2013b) — *O Estado do Bosque*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- \_\_\_\_ (2015) — *Que Coisa São as Nuvens*. Lisboa: Expresso.
- MEXIA, Pedro (2015) — *Biblioteca*. Lisboa: Tinta da China.
- QUEIRÓS, Eça de [s.d.] — *A Cidade e as Serras*. Lisboa: Ed. Livros do Brasil.
- VATTIMO, Gianni (1991) — *A Sociedade Transparente*. Lisboa: Edições 70.
- \_\_\_\_ (1987) — *O Fim da Modernidade – Nihilismo e Hermenêutica na cultura pós-moderna*. Lisboa: Presença.
- VIEIRA, António (1944-1945) — *Sermões*. 16 vols. São Paulo: Anchieta.

